

Anna Amélia: feminismo brasileiro à luz de um arquivo pessoal

Alessandra Nóbrega Monteiro,¹ UFRJ
Anna Beatriz Oliveira Menezes Costa,² FGV

Resumo

Em combate ao silenciamento feminino dos registros históricos, o presente trabalho tem por objetivo central apresentar o arquivo pessoal de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça sob a luz da primeira tendência do feminismo, sobretudo das décadas de 1920 e 1930, no Brasil. A partir da seleção de documentos digitalizados do arquivo pessoal depositado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (FGV CPDOC), abordaremos a militância feminista da titular segundo a ótica do conceito de *feminismo bem-comportado* da historiadora Céli Regina Jardim Pinto. Nossas expectativas com esse artigo são promover a visibilidade dos arquivos pessoais de mulheres e, em tempo, estimular a pesquisa científica nacional sobre mulheres e feminismos brasileiros.

Palavras-chave: Arquivos pessoais; Feminismos; Gênero.

Abstract

In the fight against the female silencing of historical records, the present paper has as main objective to present the personal archive of Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça in the light of the first tendency of feminism, especially between the 1920s and 1930s, in Brazil. Based on the selection of digitalized documents from the personal archive hosted at the Center for Research and Documentation of Contemporary History of Brazil (FGV CPDOC), we will approach the holder's feminist militancy according to the perspective of the *well-behaved feminism*, concept of the historian Céli Regina Jardim Pinto. Our expectations with this article are to promote the visibility of women's personal archives and, in time, to stimulate national scientific research on Brazilian women and feminisms.

Keywords: Personal Archives; Feminisms; Gender.

Introdução

Depositado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (FGV CPDOC), o arquivo pessoal de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça (AACM) é composto por sete séries, dentre elas, *Militância Feminista* (AACM mf). Esta representa um aporte importante de fontes sobre o movimento e a ação feminista no Brasil, contendo documentos que demonstram a atuação de Anna Amélia na busca por direitos femininos e na defesa de uma maior autonomia da mulher na sociedade brasileira e no mundo.

¹ Alessandra Monteiro (alessandranmonteiro@gmail.com) é graduanda em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista de iniciação científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) da mesma universidade. Atuou como estagiária no Programa de Arquivos Pessoais (PAP) da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV CPDOC) entre 2018 e 2020.

² Anna Beatriz Oliveira Menezes Costa (costa.annab@outlook.com) é graduanda em Ciências Sociais pela Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV CPDOC) e bolsista de iniciação científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Atuou como estagiária do Programa de Arquivos Pessoais (PAP) da mesma instituição entre 2018 e 2020.

Em termos institucionais, Anna Amélia integrou diversas entidades, com destaque para o cargo de vice-presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), onde trabalhou na gestão de Bertha Lutz, e de presidente da Casa do Estudante do Brasil (CEB), entidade fundada no final da década de 1920. Dentre as pautas das quais fez parte estão a conquista do voto feminino, a presença das mulheres no ensino superior, o debate sobre o divórcio e a integração entre o Brasil e outros países no que tange as demandas das mulheres. Por esse ângulo, a titular foi nomeada como Delegada do Brasil no XII Congresso Feminino (Istambul, 1935), foi indicada pelo presidente Getúlio Vargas para representar o país na Comissão Interamericana de Mulheres (Washington, 1942), participou da Conferência Internacional sobre a Tarefa da Mulher na Batalha pela Paz e Desenvolvimento (Jerusalém, 1964) e firmou relações com outras ativistas em torno de uma aliança pan-americana focada nos direitos civis e políticos das mulheres.

Diferentemente de outros fundos femininos do CPDOC, o arquivo pessoal de Anna Amélia não veio como anexo do arquivo de seu esposo, Marcos Carneiro de Mendonça. Sua trajetória vai além do perfil de *filha de, esposa de, mãe de*, constituindo um acervo em que a titular é a protagonista (MONTEIRO et al., 2019). Além disso, o arquivo de Anna Amélia foi o primeiro a ser organizado e disponibilizado para a consulta após a inclusão do marcador de gênero na linha de acervo do CPDOC, em 2015 (MONTEIRO et al., 2019). Na medida em que evidenciamos a relevância do fundo AACM nesse trabalho, gostaríamos, em uma perspectiva mais ampla, de chamar a atenção para um problema grave, cuja abordagem também constitui o nosso intuito com o presente artigo, dentro dos arquivos e registros históricos: o silêncio feminino.

O arquivo pessoal de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça: A pessoa

Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça nasceu no Rio de Janeiro, em 1896, e faleceu em 1971. Uma das três filhas do casal José Joaquim de Queiroz e Laura Machado de Queiroz, sendo José Joaquim de Queiroz o engenheiro proprietário da Usina Siderúrgica Queiroz Júnior (antiga Usina Esperança), em Minas Gerais. Em 1917, casou-se com Marcos Carneiro de Mendonça e, do matrimônio, deu à luz a três filhos: Márcia Cláudia Carneiro de Mendonça, José Joaquim Carneiro de Mendonça e Bárbara Heliadora – expoente crítica teatral, ensaísta, tradutora e, segundo a crítica intelectual, uma das maiores autoridades brasileiras em literatura shakespeariana (MONTEIRO et al., 2019, p. 82).

Poetisa, tradutora, escritora e ativista política. Além de ter sido colaboradora em diversos jornais cariocas como *O Globo*, *O Jornal*, *Diário da Noite*, *A Noite* e a revista *O*

Cruzeiro (MONTEIRO et al., 2019, p. 82), Anna Amélia publicou, dentre vários livros: *Poesias*, um compilado de poesias de sua autoria (ver AACM lit 1911.09.18), e *Quatro pedaços do planeta no tempo do zeppelin* (ver AACM lit 1972.07.15), um relato da viagem de zeppelin, de 1935, que realizou com o marido e a filha mais velha, Márcia Cláudia, pela África, Ásia e Europa. No campo político, a titular foi uma das fundadoras da Casa do Estudante do Brasil (CEB), em 1929, ocupando a presidência vitalícia da instituição, além de ter contribuído com pequenos financiamentos estudantis (ver AACM me 1928.10.02). Ainda, ativa militante do movimento feminista sufragista: vice-presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) ao lado da presidenta Bertha Lutz, Anna Amélia foi uma das participantes da luta pelo voto feminino no Brasil – conquistado em 1927, no Rio Grande do Norte, e em 1932, em todo o território nacional.

Embora bastante da sua contribuição à conquista dos direitos das mulheres esteja expressa nos discursos públicos que escrevia (ver AACM mf 1936.03.11) e na correspondência que trocava com outras mulheres militantes,³ parte considerável dos documentos referentes aos direitos das mulheres são a respeito de eventos internacionais: por exemplo, Anna Amélia foi indicada duas vezes como representante do Brasil em eventos internacionais pelo presidente Getúlio Vargas, a primeira vez em 1935, no XII Congresso Feminino em Istambul (ver AACM mf 1935.04.18), e a segunda vez em 1942, na Comissão Interamericana de Mulheres (CIM) em Washington (ver AACM mf 1942.07.15). Para além da Era Vargas, Anna Amélia também representou o país em 1964, na Conferência Internacional sobre a Tarefa da Mulher na Batalha pela Paz e Desenvolvimento em Jerusalém, Israel.

Era, também, com o marido, proprietária do Solar dos Abacaxis, famoso palacete histórico de arquitetura neoclássica localizado no bairro do Cosme Velho, na cidade do Rio de Janeiro (ver AACM vpr 1944.03.29). O casal Carneiro de Mendonça promoveu o lar a um ponto de encontro de artistas e intelectuais da época. Inclusive, a denominação de “Solar dos Abacaxis” ocorreu devido às grades das sacadas da fachada, que são todas adornadas de pequenos abacaxis de ferro. Além de colecionadora de joias, obras de arte, pratarias e objetos valiosos em geral (ver AACM vpr 1925.07.00), dois últimos fatos interessantes sobre a poetisa são que: como homenagem, seu nome e o nome do seu pai foram emprestados a duas Escolas Municipais do Rio de Janeiro, uma é a E.M. José Joaquim de Queiroz Junior no município de Praça Seca e, a outra, é a E.M. Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça no

³ Sugerimos que os leitores investiguem os quatro dossiês da série *Militância Feminista* (AACM mf), já que em todos pode-se encontrar alguma troca de correspondência que mesmo que possa, às vezes, deixar a desejar em matéria de conteúdo, por outro lado, compensa na informação do remetente que pode revelar o nome de uma outra personalidade feminista de destaque.

município de Bangu; e, segundo, em homenagem póstuma, em 1975, a Casa do Estudante do Brasil ergueu um busto em bronze de Anna Amélia em um largo em frente à sede da instituição – rebatizando o lugar de “Praça Ana Amélia” (com apenas um “n” mesmo), localizada próxima à Igreja Santa Luzia, no Centro do Rio de Janeiro. Destacamos que o arquivo AACM contém um álbum de fotografias a respeito da inauguração da Escola Municipal José Joaquim de Queiroz Junior e outro álbum fotográfico sobre a inauguração do busto em homenagem póstuma, embora, devemos alertar, até o presente momento as fotografias do arquivo não encontram-se digitalizadas, tornando a consulta disponível apenas presencialmente.

O arquivo pessoal de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça: o arquivo

O arquivo pessoal de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça foi doado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (FGV CPDOC) em 2010 por Priscilla Scott Bueno, neta da titular. Oito anos mais tarde, em 2018, teve a sua organização concluída e foi liberado para a consulta pública pela FGV CPDOC, que, em 2020, disponibilizou os documentos digitalizados no portal da instituição. O arquivo reúne cerca de 5 mil documentos textuais, além de um pouco mais de 300 fotografias de distintos períodos da vida de Anna Amélia. O fundo foi organizado em sete séries temáticas a respeito da atuação de Anna Amélia, são elas: *Recortes de Jornais*; *Documentos Póstumos*; *Vida Privada*; *Literatura*; *Militância Feminista*; *Militância Estudantil*; e, finalmente, *Participação e Colaboração em Associações, Órgãos e Institutos*. Abaixo, segue uma tabela com informações a respeito da organização do arquivo.

| Série | Sigla da Série | Descrição |
|----------------------------|----------------|--|
| <i>Recortes de Jornais</i> | AACM rec | Recortes de jornais diversos sobre a titular. |
| <i>Documentos Póstumos</i> | AACM pos | Cartas de pesar enviadas aos familiares de Anna Amélia pelo seu falecimento |
| <i>Vida Privada</i> | AACM vpr | Documentação de caráter pessoal de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça |
| <i>Literatura</i> | AACM lit | Documentos sobre a relação de Anna Amélia com o campo literário, com destaque para poesias, textos, traduções e livros de sua autoria. |

| | | |
|---|----------|---|
| <i>Militância Feminista</i> | AACM mf | Documentos sobre a atuação de Anna Amélia na luta pelos direitos da mulher, com destaque para debates sobre a questão sufragista, saúde feminina e a importância da atuação política da mulher em tempos de guerra. Inclui documentos sobre a participação da titular como delegada no Congresso Feminino em Istambul e na Comissão Interamericana de Mulheres (CIM). |
| <i>Militância Estudantil</i> | AACM me | Documentos sobre a Casa do Estudante do Brasil (CEB), sobre a Casa do Estudante do Brasil na Cidade Universitária de Paris e documentos sobre a atuação de Anna Amélia no campo da educação. |
| <i>Participação e Colaboração em Associações, Órgãos e Institutos</i> | AACM pca | Documentos sobre a participação e colaboração de Anna Amélia em diversas instituições como os Institutos Históricos, museus, associações culturais e educativas. |

Fonte: MONTEIRO et al., 2019, p. 85.

Como pode-se observar a partir dos dados da tabela, o fundo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça tem múltiplas possibilidades além da luta pelos direitos das mulheres no Brasil. Como exemplos, temos a luta pelos direitos estudantis expressa na série *Militância Estudantil* (AACM me); a atuação da titular enquanto poetisa, tradutora e escritora, bem como sua relação com o meio literário brasileiro da primeira metade do século XX, na série *Literatura* (AACM lit); e registros a respeito da atuação pública de Anna Amélia enquanto membra ou colaboradora de instituições, associações e órgãos diversos, como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e a Associação Brasileira de Educação (ABE), na série *Participação e Colaboração em Associações, Órgãos e Institutos* (AACM pca).

Para o objetivo desse trabalho, selecionamos a série *Militância Feminista* (AACM mf). A série é dividida em quatro dossiês temáticos: AACM mf 1927.09.09, que trata de documentos referentes a eventos nacionais e internacionais, que discutiam a “questão da

mulher” (como era falado naquela época), dos quais a titular participou; AACM mf 1935.04.18, dossiê sobre o XII Congresso Feminino em Istambul, de 1935, da qual a titular participou como Delegada do Brasil; AACM mf 1936.03.11, que reúne discursos e textos da autoria de Anna Amélia e outras militantes feministas a respeito da “questão da mulher” no Brasil e no mundo; e, por último, AACM mf 1942.07.15, dossiê que reúne correspondência e documentos diversos referentes à Comissão Interamericana de Mulheres (CIM) de 1942, realizada em Washington, da qual a titular foi nomeada como representante do Brasil pelo presidente Getúlio Vargas.

Dos quatro dossiês que compõem essa série, selecionamos dois documentos do dossiê AACM mf 1936.03.11 para análise: a *Crônica de Atualidade*, ou, “Chronica de Actualidade”, do dia 11 de Março de 1936 e do dia 15 de Abril de 1936. São dois textos distintos que a titular produziu para veiculação em uma rádio nacional, com distância de um pouco mais de um mês entre o primeiro e o segundo – a *Crônica de Atualidade* do dia 15 de Abril é, aliás, documento anexo da *Crônica* do dia 11 de Março. Escolhemos esses documentos porque compreendemos que eles revelam aspectos característicos da primeira tendência do feminismo brasileiro, comum na primeira metade do século passado, os quais são do nosso interesse investigar – e o faremos em breve.

Primeiro, sigamos para a militância feminista de Anna Amélia.

Militância Feminista

Retomando o que apontamos na seção anterior, a série *Militância Feminista* (AACM mf)⁴ é composta por quatro dossiês: AACM mf 1927.09.09, AACM mf 1935.04.18, AACM mf 1936.03.11 e AACM mf 1942.07.15. O primeiro refere-se sobretudo a eventos, de porte nacional e internacional, voltados para a “questão da mulher”, incluindo documentos como convites e agradecimentos à Anna Amélia. O segundo contém documentos sobre o XII Congresso Feminino⁵ em Istambul (1935), onde Anna Amélia atuou como delegada do Brasil nomeada pelo presidente Getúlio Vargas. O terceiro reúne textos de Anna Amélia e terceiros sobre a “questão da mulher” e figuras femininas de destaque na sociedade brasileira. Por fim,

⁴Os documentos aqui explicitamente mencionados foram consultados virtualmente no portal da FGV CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>. Acesso em 23 de agosto de 2020.

⁵Adotamos a terminologia “XII Congresso Feminino” por ser a expressão presente no resumo do dossiê AACM mf 1935.04.18. De acordo com o documento de nº 2, datado com o período do congresso (18-25 de abril de 1935), do dossiê AACM mf 1935.04.18, o nome completo do evento era *XIIº Congres de l’Alliance Internationale pour le Suffrage et l’Action Civique et Politique des Femmes* (em tradução livre: XIIº Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio e Ação Cívica e Política das Mulheres).

o quarto possui documentos sobre a Comissão Interamericana de Mulheres (CIM). Apresentaremos elementos centrais de cada um desses dossiês a seguir.

Dentre os documentos do dossiê AACM mf 1927.09.09, por exemplo, há uma espécie de folheto da conferência “La mujer y su influencia en el futuro de un paiz” (1927), ministrada pelo tenente-coronel chileno Agustin Benedicto no Automóvel Clube do Brasil no Rio de Janeiro (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1927.09.09, nº 2, 15 set. 1927). Tal material contém retratos impressos de diversas figuras, como Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça e Jerônima Mesquita, e ressalta:

Las Señoras de la aristocracia, cediendo por otra parte a los nobles impulsos de sus corazones, han creado diversas instituciones, en bien de las clases necesitadas para aliviar su triste situación, y, además para hacer un noble uso de su tiempo y de su dinero (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1927.09.09, nº 2, 15 set. 1927).⁶

Em relação a esse trecho, é importante observar como as mulheres de elite são enquadradas em um posto de complacência, com os seus “nobres impulsos de seus corações” e pensando no “benefício das classes necessitadas”. Aqui, as instituições criadas por tais mulheres, “senhoras da aristocracia”, aparecem como meios solidários e como uma boa ocupação para o tempo e a fortuna das mesmas.

Ainda nesse dossiê, há registros sobre outro momento importante da atuação feminista de Anna Amélia: a Conferência Internacional sobre a Tarefa da Mulher na Batalha pela Paz e Desenvolvimento,⁷ que ocorreu em Jerusalém, Israel, em 1964. Segundo uma correspondência de Golda Méir enviada a Anna Amélia (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1927.09.09, nº 21, 25 ago. 1964), o objetivo da conferência era reunir mulheres que atuassem em pautas públicas no mundo, com o intuito de promover um intercâmbio de ideias sobre quais papéis poderiam ser desempenhados pelas mulheres para solucionar problemas enfrentados pela humanidade. No documento de programação do evento, por exemplo, há debates previstos sobre *Sharing Responsibilities*: a. in social affairs; b. in economic life; c. in politics, *Fulfilment through Education e Women in the Vanguard of Peace* (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de

⁶Em tradução livre: “As senhoras da aristocracia, cedendo por outro lado aos nobres impulsos do seu coração, criaram várias instituições, em benefício das classes necessitadas para aliviar a sua triste situação, e, também para fazer uso nobre do seu tempo e de seu dinheiro”.

⁷Tradução literal do nome do evento, conforme o documento de nº 29, datado de 3 de março de 1965.

Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1927.09.09, nº 25, 29 nov. – 6 dez. 1964).⁸ Diante disso, percebe-se que Anna Amélia tinha um bom reconhecimento internacional.

Além disso, o dossiê AACM mf 1935.04.18 acentua a importância pública de Anna Amélia em relação às pautas femininas. Conforme mencionamos anteriormente, o eixo temático desse dossiê é o XII Congresso Feminino, que ocorreu em Istambul, na Turquia, em 1935, no qual Anna Amélia foi enviada como delegada do Brasil nomeada pelo presidente Getúlio Vargas. Em adição aos dados de estrutura, o documento de programação do evento apresenta informações interessantes sobre a descrição da *Union des Femmes Turques* (União das Mulheres Turcas) e a Declaração de Princípios proposta pela diretoria, cujas medidas foram agrupadas em cinco premissas: *Political Rights, Economic Rights, Moral Rights, Legal Rights*

e *Peace and the League of Nations* (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, 1935.04.18, nº 1, 18-25 abr. 1935).⁹ Há também um documento que explicita parte da organização do congresso, mencionando, dentre outros elementos, o comitê executivo e os principais temas que seriam abordados no evento: o sufrágio feminino e os direitos políticos dos dois sexos, a cooperação entre Oriente e Ocidente e a igualdade das condições de trabalho para homens e mulheres (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, 1935.04.18, nº 2, 18-25 abr. 1935).

Por sua vez, o dossiê AACM mf 1936.03.11 está atrelado a diferentes produções intelectuais. Em relação aos textos de terceiros, por exemplo, há *O papel da mulher no desenvolvimento nacional* de autoria de Mrs. Mildred Marcy (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 11, impresso em nov. 1965), *A evolução da família e os direitos da mulher* de autoria de Zeia Pinho Rezende (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 12 A1, 1969) e *Women and the post-war world* de autoria de Katharine Mills (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 15, sem data). Sobre as produções de Anna Amélia, além da *Crônica de Atualidade*, que trataremos adiante, destaca-se a publicação *A mulher do Brasil*, na seção *Feminismo*, na qual a autora argumenta enfaticamente:

Eu amo com todo o meu affecto as mulheres de todo o Brasil. Amo-as pelo espirito e pelo sentimento, pelas características que fazem de todas nós irmãs

⁸Em tradução livre: “*Compartilhando responsabilidades*: a. em assuntos sociais; b. na vida econômica; c. na política, *Realização pela Educação e Mulheres na Vanguarda da Paz*”.

⁹Em tradução livre: “*Direitos Políticos, Direitos Econômicos, Direitos Morais, Direitos Legais e Paz e a Liga das Nações*”.

de uma mesma família e pelas circunstâncias que nos separam como estranhas [...] (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 17, sem data).

Nesse excerto, Anna Amélia aponta uma semelhança entre as mulheres brasileiras: existem determinadas características que as fazem serem “irmãs de uma mesma família”. Esse argumento de similitude, de natureza e/ou de origem comum referente às mulheres é um recurso recorrente em certos discursos da autora sobre a situação feminina no Brasil.

Ademais, o dossiê AACM mf 1942.07.15 está voltado para a Comissão Interamericana de Mulheres (CIM). Notoriamente, um documento importantíssimo desse conjunto é o de nomeação de Anna Amélia para representar o Brasil na CIM, assinada pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1942.07.15, nº 1, 15 jul. 1942). Nesse dossiê, encontra-se também um texto, sem título, com as propostas estabelecidas pela representante brasileira na Comissão, como por exemplo, a adoção do português, do inglês e do francês, em adição ao espanhol, como idiomas oficiais das reuniões, a defesa de igualdade em salário e em direitos para homens e mulheres e o debate de pautas sobre a guerra – a exemplo da vitória contra o Eixo, da junção da justiça social e da amizade internacional para a formação da paz e uso e aproveitamento de mulheres convocadas para cooperar com o conflito a partir de seus talentos individuais (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1942.07.15, nº 30, nov. 1942). Outro documento interessante é a crônica *O Congresso Interamericano de Mulheres*, que ressalta a importância da atuação de Anna Amélia na CIM:

Na segunda semana de novembro próximo, será realizado em Washington, o Congresso da Comissão Interamericana de mulheres, do qual participarão algumas das mais eminentes figuras do mundo feminino do nosso continente [...]. O Brasil estará representado nesse Congresso pela senhora Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, fundadora e presidente da Casa do Estudante, vice-presidente da Fundação Brasileira pelo Progresso Feminino e de outras instituições culturais e artísticas. A senhora Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça é uma figura preponderante no cenário social brasileiro e sua presença assegura, de antemão, o êxito da representação brasileira (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1942.07.15, nº 11, 23 de out. 1942).

Por fim, em termos de militância feminista, consideramos importante destacar a atuação de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça como vice-presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). A organização foi fundada em 9 de agosto de 1922 e tinha como objetivo a ampliação dos direitos civis e políticos das mulheres a

partir de uma perspectiva reformista, envolvendo a valorização feminina por meio do reconhecimento da atuação da mulher na esfera pública e privada (TORRES et al., 2009, p. 2). Desde o início, a Federação tinha um caráter elitista, uma vez que era composta por mulheres dos estratos mais altos da sociedade brasileira, a exemplo de Bertha Lutz, Jerônima Mesquita, Carmem Velasco Portinho e Maria Luiza Bittencourt (TORRES et al., 2009, p. 2). Essa posição de prestígio das integrantes era usada estrategicamente para a consolidação da agenda e das reivindicações que a instituição defendia: “A FBPF se aproveitava da inserção e do prestígio social dessas mulheres e das sócias mais atuantes, buscando alcançar seus objetivos através do estreitamento das relações com os poderes estabelecidos” (TORRES et al., 2009, p. 2-3). Contudo, essa não era uma tarefa fácil:

Para alcançar seus objetivos, as feministas da Federação tinham que enfrentar um duplo desafio. De um lado estruturar uma entidade de caráter nacional, que almejava ocupar o lugar central de porta-voz das questões feministas no país, e que fosse reconhecida como tal pelas autoridades competentes, possuindo, principalmente, uma estratégia clara, eficiente e efetiva de ter abraçada cada uma de suas reivindicações. Do outro, legitimar-se com a sua base de sustentação – as mulheres –, incentivando-as a participar do movimento (TORRES et al., 2009, p. 5).

Mediante a conjuntura de sua criação, a bandeira mais cara da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) foi o sufrágio das mulheres. Nessa pauta, o estado do Rio Grande do Norte foi pioneiro: neste, o voto feminino foi estabelecido em 1927, ao passo que, em âmbito nacional, tal conquista foi outorgada pelo Código Eleitoral de 1932. Todavia, a atuação da Federação estendia-se para além do pleito: de acordo com o verbete do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (FGV CPDOC), a instrução da mulher, a legislação do trabalho feminino e a proteção às mães e à infância eram pautas importantes para a instituição. Dessa forma, ao longo dos anos, as integrantes da FBPF mobilizaram-se por reivindicações em diferentes áreas sociais, tendo a mulher como escopo principal. Em particular, Anna Amélia foi uma grande ativista da Educação: foi presidente vitalícia da Casa do Estudante do Brasil (CEB), elegeu-se como Rainha dos Estudantes do Brasil, argumentou pelo ingresso da mulher no ensino superior e defendeu a tese *Mulher Cidadã*. Nas palavras de Céli Jardim Pinto:

A luta pelo direito ao voto da mulher chegou ao seu fim em 1932, quando o novo Código Eleitoral incluiu a mulher como detentora do direito de votar e de ser votada. Mas a FBPF não diminuiu suas atividades nos primeiros anos da década de 1930: tentou, sem sucesso, eleger Bertha Lutz para a Constituinte de 1934; pressionou parlamentares para incluírem na Constituição novos direitos para a mulher; promoveu uma convenção

nacional na Bahia, que pretendeu dar nova estrutura hierárquica e burocrática à federação com o objetivo de transformá-la em uma grande organização nacional. É bastante curiosa a forma como a federação pretendeu se organizar: além de uma estrutura fortemente hierarquizada com uma presidente, uma líder nacional e secretárias estaduais, foi indicado com detalhes o ritual que os encontros deveriam seguir, incluindo a execução de hino próprio. Também foi criada uma simbologia, com bandeira, distintivo e flor oficiais (PINTO, 2003, p. 28).

Diante disso, percebe-se o quanto a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) consistia em uma instituição altamente organizada. Na série *Participação e Colaboração em Órgãos e Institutos* (AACM pca), há registros específicos sobre as atividades administrativas da FBPF: por exemplo, há o documento “Resumo das atividades da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino de 9 de agosto de 1964 a 8 de agosto de 1966”, que contém informações sobre eventos, como a eleição da nova diretoria e a reunião social na qual Bertha Lutz, Anna Amélia e Ruth Barbosa Goulart relataram suas viagens, e o movimento financeiro da instituição, com receita e despesa da mesma (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM pca 1926.10.13, nº 51, 9 ago. 1966). Há também outro documento sobre a FBPF que aborda a Assembleia Bienal de 1966, na qual comemorou-se os 44 anos de existência da Federação (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM pca 1926.10.13, nº 52, 11 out. 1966).

Feminismos brasileiros

Antes de abordar a *Crônica de Atualidade* (1936), cabe uma breve revisão para localizarmos historicamente tal documento. Lembremos que o voto feminino brasileiro havia sido conquistado há quatro anos, em 24 de fevereiro de 1932 com a publicação do Decreto 21.076 do Código Eleitoral Provisório; que em 1936, a Itália já havia assumindo a ditadura fascista há catorze anos, a Alemanha nazista sediava os Jogos Olímpicos (numa tentativa de promoção da identidade supremacista ariana a qual, diga-se de passagem, foi frustrada pela vitória do atleta afroamericano Jesse Owens) e, ainda no mesmo ano, a Guerra Civil Espanhola marca o início da ditadura franquista em território espanhol; e, por último, que a Segunda Guerra Mundial terá início, segundo a historiografia tradicional, dali a três anos, em 1939. Assim, assuntos relativos à diplomacia internacional e à paz universal eram temas comuns na década de 1930.

Nesse sentido, *Crônica de Atualidade* (1936) expressa perfeitamente as demandas do momento histórico: a reafirmação da inclusão da mulher no cenário político e as aflições a respeito da iminência de uma nova guerra mundial. Em adição, o documento aponta

muitíssimo bem, na nossa avaliação, as demandas do feminismo “bem-comportado”, nas palavras da historiadora Céli Jardim Pinto, do movimento sufragista brasileiro. Expliquemos. Em *Uma história do feminismo no Brasil* (2003), Céli Jardim Pinto destaca as principais tendências do feminismo brasileiro, situando-as em dois momentos distintos: “o primeiro, do final do século XIX até 1932, é o período tratado no primeiro capítulo; o segundo, do feminismo pós-1968, abordados nos outros três capítulos” (OTTO, 2004, p. 238). O feminismo da primeira metade do século XX tem, segundo a ótica da historiadora, duas tendências: o *feminismo bem-comportado* e o *feminismo malcomportado*.

A primeira tendência teve como foco o movimento sufragista liderado por Bertha Luz. Chama essa tendência de feminismo “bem-comportado” para sinalizar o caráter conservador desse movimento, o qual não questionava a opressão da mulher. Nesse sentido, a luta para a inclusão das mulheres à cidadania não se caracterizava pelo desejo de alteração das relações de gênero, mas como um complemento para o bom andamento da sociedade (OTTO, 2004, p. 238-239).

Para a autora, o feminismo “bem-comportado” tem as principais características de ser uma vertente elitista, homogênea e conservadora (sendo cada uma das qualidades resultado da anterior). A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) é uma das maiores expressões do feminismo “bem-comportado” e mesmo o perfil socioeconômico das membras revela esse caráter elitista e homogêneo: “a maioria das mulheres que mais se destacaram na federação (...) tinha pais intelectuais, militares e políticos ou dedicados a profissões urbanas de elite, como medicina, direito, engenharia” (PINTO, 2003, p. 25); e, sobre essa afirmação, o cientista e intelectual brasileiro Adolfo Lutz, pai de Bertha, e o engenheiro proprietário de uma usina siderúrgica José Joaquim de Queiroz, pai de Anna Amélia, não podem contrariar. Eram mulheres com uma específica combinação de privilégios, o econômico e o intelectual, que por isso mesmo tinham uma confortável liberdade de trânsito na elite política da época. E porque o alvo da pressão do feminismo “bem-comportado” era precisamente a elite política, justificava-se o caráter conservador da luta: o discurso buscava um tom moderado para não associar o movimento feminista brasileiro às *suffragettes*, “que ameaçavam quebrar as vidraças da Avenida, demonstrando sua oposição a certas medidas que caracterizavam o feminismo inglês e norte-americano em determinadas fases” (SOIHET, 2000, p. 100) e garantindo não tocar em questões sensíveis para o conservadorismo da elite política.

Em suma, se a luta das mulheres cultas e das classes dominantes se estruturava a partir da luta pelo voto, não era tão somente porque esta se colocava como a luta do momento nos países centrais, mas também porque encontrava respaldo entre os membros dessa elite e conseguia

respeitabilidade até na conservadora classe política brasileira. Era, portanto, um feminismo bem-comportado, na medida em que agia no limite da pressão intraclasse, não buscando agregar nenhum tipo de tema que pudesse pôr em xeque as bases da organização das relações patriarcais (PINTO, 2003, p. 26).

Já o feminismo “malcomportado” é a segunda tendência. É uma vertente mais heterogênea de mulheres que, para além do direito eleitoral, defendem também o direito à educação e “abordam temas que para a época eram delicados, como, por exemplo, a sexualidade e o divórcio” (PINTO, 2003, p. 26). Céli Pinto fala, ainda, em uma terceira vertente intitulada “o menos comportado dos feminismos”, comum especificamente no Partido Comunista e no movimento anarquista brasileiro, tendo Maria Lacerda de Moura como expoente.¹⁰ Aliás, companheira de luta de Bertha Lutz, juntas as duas contribuíram com a fundação da *Liga pela Emancipação Feminina*, em 1919, até a dissociação de Maria Lacerda de Moura por divergências políticas internas.

Embora o destaque desse artigo seja o feminismo “bem-comportado” de Anna Amélia, consideramos cauteloso assinalar duas ressalvas a respeito do nosso recorte: o primeiro é que abordamos Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça avaliando-a a partir de sua condição econômica, de *status* e de raça, localizando-a e a sua produção textual dentro de um conjunto de privilégios, além de um contexto histórico; o segundo ponto é que o estudo da luta pelos direitos das mulheres não finda em recortes tradicionais. Tratando-se da trajetória do feminismo no Brasil, é mais justo falar em “feminismos”, preferindo o plural, no lugar de “feminismo”, preterindo o singular. Por essa mesma razão, as perspectivas, as agendas e as abordagens da luta feminista são múltiplas e interseccionais, conferindo uma tarefa deliciosamente inesgotável a quem quiser e puder investigar os feminismos brasileiros.

Vamos enfim à análise da *Crônica de Atualidade*, do dossiê AACM mf 1936.03.11, buscando expressões do feminismo “bem-comportado”.

Ce que femme veut, Dieu le veut

Do francês para a nossa língua: “O que uma mulher quer, Deus quer”. É o provérbio que Anna Amélia escolhe para iniciar a *Crônica de Atualidade*,¹¹ discurso veiculado em uma

¹⁰ Para combater o apagamento e silenciamento histórico que sofre a anarcofeminista, recomendamos a entrevista *Maria Lacerda de Moura: trajetória de uma rebelde* (disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a12.pdf>>. Acessado em 10 de agosto de 2020) e, para uma investigação mais minuciosa, a edição fac-símile comentada do seu livro *A mulher é uma degenerada* (disponível em <https://tendadelivros.org/marialacerdademoura/wp-content/uploads/2020/03/MulherDegenerada_final_OK.pdf>. Acessado em 10 de agosto de 2020).

¹¹Nas citações que destacamos da *Crônica*, adaptamos certos termos para a norma atual da língua portuguesa com o intuito de facilitar a compreensão do leitor. Por exemplo, nos documentos originais, o leitor encontrará “fallar” no lugar de “falar” e “microphones” no lugar de “microfones”.

rádio nacional para os dias 11 de Março de 1936 (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1, 11 mar. 1936) e 15 de Abril de 1936 (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1 A, 15 abr. 1936). A poetisa apresenta um relato a favor da emancipação feminina por meio da ressignificação dos comportamentos, das imagens e das expectativas socialmente atribuídas às mulheres (MONTEIRO et al., 2019, p. 83). Aqui, vamos destacar alguns trechos que julgamos interessantes e, brevemente, analisá-los segundo o contexto histórico nacional e internacional, localizando-os dentro do conceito de *feminismo bem-comportado*, da historiadora Céli Jardim Pinto, apresentado anteriormente.

A *Crônica de Atualidade* aparenta ser uma das primeiras pronúncias de uma mulher em uma rádio brasileira. Não à toa, Anna Amélia inicia seu monólogo com ativa, mas bem-humorada, provocação:

Desde que o mundo é mundo que os homens acusam as mulheres de falar demais. Nos romances antigos, nas anedotas de sucesso, nos salões de nossos avôs, no tempo dos almanaques e das folhinhas, não têm conta as coisas engraçadas ou sem graça, que foram ditas em torna da loquacidade feminina. (...)

A verdade é que esse ataque à língua feminina não era propriamente uma censura – era um pouco de inveja. E no desejo de falar mais, de superar a mulher, multiplicando as palavras e alargando o alcance da voz, o homem inventou o rádio. Era uma vitória esmagadora. Qual a comadre indiscreta ou a vizinha intrigante que poderia propalar com a mesma rapidez a malícia de um boato? Agora sim, valia a pena falar. Mas a mulher não estava disposta a ceder à primazia e instalou-se junto aos microfones. (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1, 11 mar. 1936)

Na segunda pronúncia à rádio, do dia 15 de Abril, a titular começa em tom mais ameno. Observemos os primeiros parágrafos:

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino comemorou ontem com um almoço de confraternização, a data Pan-Americana.

Essa reunião de mulheres em torno da ideia da paz é bem uma garantia de que a paz pode existir.

“Ce que femme veut, Dieu le veut”, diz um provérbio da doce língua de Musset. E desta vez a mulher quer com mais entusiasmo do que nunca (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1 A, 15 abr. 1936, grifo da autora).

A fim de defender os dois interesses, a reafirmação da inclusão das mulheres enquanto agentes políticos (com o direito de eleger e serem eleitas) e a necessidade de manutenção de relações internacionais pacíficas, todo o discurso de *Crônica de Atualidade* parece ser produzido para reafirmar e conjugar as duas questões. Uma das preocupações da poetisa

parece ser, em primeiro lugar, validar a inclusão das mulheres na vida política – direito conquistado no Brasil em 1932. Vejamos um dos trechos:

Depois que o feminismo é uma realidade, a paz universal não é mais impossível. Ela há de vencer os homens, como um filtro suave e envolvente, ensinando-os a amar em todos os povos, outros homens capazes dos mesmos ideais e do mesmo amor (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1 A, 15 abr. 1936).

Se há quem diga que a emancipação política feminina é incompatível com a ideia de uma sociedade em harmonia, a poetisa garante o caminho contrário: na realidade, a emancipação política feminina é condição indispensável para a manutenção da diplomacia internacional. Atenção ainda para os atributos que Anna Amélia confere à “paz universal”: “como um filtro suave e envolvente”, ora, consideramos não estarmos enganadas em supor que a titular propõe a paz universal enquanto um acordo mutuamente adotado por todas as sociedades (e não enquanto uma imposição, da ideia de pacifismo, de uma sociedade às outras). Tal proposta, no mínimo, é característica de um ensaio filosófico de Thomas More – embora não seja do nosso interesse avaliar a doutrina filosófica que Anna Amélia era adepta. A fala, enfim, contribui para a validação do sufrágio feminino conquistado em 1932 ao mesmo tempo em que está em consonância com as aflições históricas do momento pré-guerra.

Na primeira pronúncia, do dia 11 de Março, Anna Amélia também aproxima as ideias de “feminismo” e “pacifismo”. Em um comentário sobre o cenário nacional brasileiro, diz a titular que: “Antigamente, quando era moda dizer que as mulheres falavam demais, dizia que o Brasil estava à beira de um abismo. Agora ele está à beira de vários ismos” (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1, 11 mar. 1936, grifo da autora). Elenca alguns “ismos” brasileiros, como “o socialismo, o nacionalismo” e “o profissionalismo e o amadorismo”, “para não falar no nudismo que é a tendência da moda” (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1, 11 mar. 1936). Nas palavras da autora:

Mas, já que três minutos de rádio não chegam para comentar tudo isso e ainda olhar para o mundo todo, onde há a mesma complicação em escala maior, vamos escolher um ismo que, ao lado do feminismo, seja a razão destas palavras, um ismo que felizmente está bem vivo entre as mulheres do Brasil e que talvez cultivado com heroísmo, possa um dia, como eu desejaria agora, mais do que nunca, florescer por todo o mundo: o pacifismo (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1, 11 mar. 1936, grifos da autora).

A respeito desses dois trechos, de Março e Abril, nota-se que há um cuidado da poetisa em associar as duas ideias: feminismo e pacifismo. Associando-os enquanto elementos complementares, e não opostos, Anna Amélia ratifica uma militância feminista que não propõe opor-se às normas de relações de gênero, antes, reafirma a natureza binária dos gêneros, feminino e masculino, a fim de atingir seus objetivos. Dessa forma, ela atende aos critérios do feminismo “bem-comportado”, que não questionava a dominação masculina e, tampouco, afirmava uma postura “radical” como os movimentos feministas estrangeiros.

Também, afirma e reafirma uma “natureza”, uma “essência” feminina marcando o tom moderado e conservador do feminismo “bem-comportado”. Contudo, incorpora os signos de dominação para ressignificá-los a favor da emancipação política das mulheres: se a “natureza da mulher”, passiva e emocional (em contraposição à “natureza do homem”, ativa e racional), é discurso justificativo para excluí-las da esfera pública, “Anna Amélia defende pontualmente o contrário: é justamente pela sua docilidade e por prezar pela paz que a mulher deveria ter um maior protagonismo social” (MONTEIRO et al, 2019, p. 84). Vejamos:

A mulher quer a paz com todo o seu espírito e todo o seu coração. Quer a paz porque só lhe interessa o que é belo, o que é sereno, o que é harmonioso. E a guerra é a negação da ternura, e a ternura é a mais características das qualidades da mulher (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1 A, 15 abr. 1936).

A respeito da “essência feminina”, a titular afirma duas vezes o caráter pacifista das mulheres em rádio nacional. Primeiramente, Anna Amélia indicou esse pacifismo na *Crônica de Atualidade* de Março, quando pronunciou: “Que a primeira crônica de mulher levada por estas ondas poderosas para a amplitude de todas as distâncias, seja apenas um desejo, mas um desejo profundo de todas as mulheres: o desejo da paz” (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1, 11 mar. 1936). Aqui, cabe atenção ao aspecto universal que Anna Amélia confere ao discurso: “todas as mulheres”. A autora aponta essa dimensão pela segunda vez na *Crônica* de Abril:

Eu nunca pude compreender como é que existem homens que conseguem não viver em paz com as mulheres. Penso que as mulheres, pacifistas por índole e convicção, se às vezes se revelam um pouco belicosas deve ser apenas por reflexo do temperamento dos homens, que há tanto séculos se habituaram a ter como dominadores (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1 A, 15 abr. 1936).

O que a narrativa hegemônica das opressões pretende omitir é que no momento em que se afirma a natureza de uma outra identidade, reafirma-se, por consequência da lógica

binária de identidade, a natureza da própria identidade – a hegemônica.¹² Nesse caso, ao passo que afirmamos uma “natureza feminina”, por consequência da lógica binária de gênero, reafirmamos também uma “natureza masculina” e, nos termos da poetisa, na medida em que as mulheres são “pacifistas por índole e convicção”, os homens são, em contraponto, belicosos “por índole e convicção”. Ademais, Anna Amélia adianta-se às réplicas: “[...] se às vezes [as mulheres] se revelam um pouco belicosas deve ser apenas por reflexo do temperamento dos homens [...]” (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1 A, 15 abr. 1936). Ainda que as mulheres não apresentem-se pacifistas a todo momento “deve ser apenas por reflexo” à “natureza masculina” que tem o mau hábito do autoritarismo, uma vez que os homens “[...] há tanto séculos se habituaram a ter como dominadores” (*ibidem*). Anna Amélia, enfim, opera uma inversão dos signos de dominação e converte a “natureza da mulher” em um instrumento útil à política nacional e internacional atendendo, no entanto, ao critério de localizar a inclusão das mulheres à política “como um complemento para o bom andamento da sociedade” (OTTO, 2004, p. 239). Este é o penúltimo parágrafo do documento:

Entreguem às mulheres a solução dos desentendimentos internacionais, e verão como se ensina aos povos, a tolerância e o bom senso. Nada de canhões atroadores, gases asfixiantes, bombardeios aéreos. Mas palavras sinceras, corações abertos, mãos leais abertas para um gesto fraternal (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, nº 1 A, 15 abr. 1936).

Por fim, “Ce que femme veut, Dieu le veut”. Consideramos que o provérbio inocente contém, nas entrelinhas, uma proposta radicalíssima: é vontade divina a emancipação política e a liberdade das mulheres. Ir contra a emancipação política e a liberdade das mulheres significa, nessa equação, ir contra Deus. Para nós, o provérbio e, também, todo o conteúdo do discurso são um conjunto de ideais atrevidíssimos que, no entanto, atendem aos critérios do feminismo “bem-comportado” – o qual, embora seja limitado por um recorte socioeconômico e racialmente privilegiado, lançou mão de táticas criativas de subversão na medida em que reafirmava os signos de dominação, “pacifistas por índole e convicção”, para conquistar objetivos que escapam à subordinação, “Entreguem às mulheres a solução dos

¹² No artigo *Vidas e Saberes periféricos como Potências Transgressoras*, Mariane Biteti e Marcelo Moraes referem-se a esse aspecto, nos termos do filósofo Jacques Derrida, como *efeito de viseira*: “ao desmistificarmos o mundo dos segredos do pensamento universal europeu, que esconde o seu lugar num flerte metafísico, percebemos que a Europa sempre jogou com o efeito de viseira, procurando ver sem ser vista, uma tentativa de fazer reproduzir uma soberania absoluta, de um outro absoluto”. Em poucas palavras, “não vemos quem nos olha”.

desentendimentos internacionais, e verão como se ensina aos povos, a tolerância e o bom senso” (Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC, AACM mf 1936.03.11, n° 1 A, 15 abr. 1936).

Os documentos da *Crônica de Atualidade* são registros textuais de dois discursos veiculados em rádio nacional em 1936 por Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. Ambos os textos têm tom moderado: zela-se pela paz, afirma-se uma natureza binária de gêneros, legitima-se a manutenção das relações de gênero e reafirma-se o papel social feminino (e, para repetir outra vez, sendo cada uma das qualidades resultado da anterior). Os documentos de AACM mf 1936.03.11 atendem ao critério moderado do feminismo “bem-comportado”, bem como revelam o lugar de fala de quem discursa: elitista. Somado a isso, reforçam a conquista de cidadania garantida pelo decreto 21.076 (1932) e traduzem satisfatoriamente um anseio do recorte histórico: a tensão política anterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Não somente esses documentos de AACM mf 1936.03.11, mas todos os outros do dossiê, todos os outros dossiês de *Militância Feminista* (AACM mf) do arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça e todas as séries do arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça revelam, em menor ou maior escala, algum traço do feminismo brasileiro “bem-comportado” da primeira metade do século XX.

Considerações Finais

O arquivo pessoal de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça constitui um importante marco por ter sido o primeiro arquivo feminino organizado após a inclusão do marcador de gênero na linha de acervo do CPDOC (MONTEIRO et al., 2019). Apesar do presente artigo ter como temática principal a militância feminista de Anna Amélia, gostaríamos de destacar que esse não é o único recorte possível, o público pode explorar as potencialidades desse fundo de diferentes formas, como por exemplo, a partir da literatura, da causa estudantil e do viés institucional.

A respeito da militância feminista, gostaríamos de destacar dois apontamentos: o primeiro é que a atividade política da titular é um assunto múltiplo e complexo e pode ser encontrado, com mais ou menos expressividade, em todos os dossiês do arquivo, e não apenas na série *Militância Feminista* (AACM mf). Sugerimos a quem se interessar pelo assunto que explore, por exemplo, a série *Participação e Colaboração em Associações, Órgãos e Institutos* (AACM pca), pois lá encontrará documentos e registros diversos a respeito da atividade política e pública da titular. O segundo é que consideramos fundamental ressaltar que o arquivo de Anna Amélia revela o protagonismo público de uma mulher, demonstrando

a relevância e a magnitude da atuação dela por uma perspectiva que extrapola a ótica de *filha de, esposa de, mãe de* (MONTEIRO et al., 2019). Com isso, procuramos analisar os principais aspectos do feminismo de Anna Amélia, que, conforme explicitamos anteriormente, possui uma relação direta com o estrato socioeconômico e os anseios da elite na qual a titular enquadrava-se. Nesse sentido, partimos da categoria de *feminismo bem-comportado*, elencada por Céli Jardim Pinto, para localizar tal feminismo historicamente e em diálogo com os documentos presentes no arquivo pessoal da poetisa.

Assim, julgamos útil adiantarmo-nos às críticas: não é nossa intenção ir de encontro ao *feminismo bem-comportado* de Céli Pinto; ao contrário, nosso intento é reforçar o conceito e acrescentá-lo: feminismo “bem-comportado” não significa passividade. No mesmo sentido, o silêncio feminino dos registros históricos não significa passividade das mulheres ao regime patriarcal. Se existiu alguma verdadeira Amélia, nos termos do dicionário *Aurélio*, em 1970, uma “mulher que aceita toda sorte de privações e/ou vexames sem reclamar, por amor ao seu homem”, (FERREIRA, 2010 *apud* FARIA, 2014, p. 106), só existiu no samba de Ataulfo Alves e Mario Lago. Na realidade, a submissão nunca foi um adjetivo que coube ao sexo e ao gênero feminino. Diante disso, as titulares dos arquivos pessoais, embora encontrassem-se todas submissas a uma sociedade violentamente misógina e racista, não estavam resignadas – mais uma vez, subordinação não significa necessariamente passividade. A “simples” existência de seus arquivos, seus arranjos e suas múltiplas leituras (tanto por profissionais da área da Arquivologia quanto por pesquisadoras e pesquisadores) são a contraprova de um mito que se refere às mulheres como *simples* adornos de seus esposos.

Ao fim, convidamos mulheres, mulheres-pesquisadoras e toda a gente historicamente relegada ao campo da subordinação e da marginalização à investigação e ressignificação dos silêncios, dos silenciamentos e das lacunas históricas; que são, ao fim e ao cabo, raízes da manutenção de discursos e práticas opressivas e repressivas. *Ce que les gens veulent, Dieu le veut.*

Referências Bibliográficas

Arquivo Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, FGV CPDOC: AACM mf 1927.09.09, AACM mf 1935.04.18, AACM mf 1936.03.11, AACM mf 1942.07.15 e AACM pca 1926.10.13. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>. Acessado em 23 de agosto de 2020.

BITETI, Mariane. MORAES, Marcelo. Vidas e saberes periféricos como potências transgressoras. **Tlalli. Revista de Investigación en Geografía**. Universidad Nacional Autónoma de México, ano 1, n. 2, p. 79-96, jul./dez. 2019.

FARIA, Amanda. Amélias: Imagens da Mulher de Verdade na Canção de Ataulfo Alves. **Revista Brasileira de Estudos da Canção**, Natal, n. 6, p. 104-124, jul-dez. 2014.

FGV CPDOC. Verbete Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/federacao-brasileira-pelo-progresso-feminino>>. Acessado em 25 de ago. de 2020.

MONTEIRO, Alessandra; COSTA, Anna Beatriz; ALVES, Carolina; MENDES, Juliana. Arquivos Pessoais de Mulheres: a experiência da Escola de Ciências Sociais (FGV CPDOC). **Anais digitais do IX Seminário de Saberes Arquivísticos**. 2019. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/ixsesa/ixsesa/paper/view/4634>>. Acessado em 6 de ago. de 2020.

OTTO, Claricia. O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 238-241, ago. 2004.

PERROT, Michelle. *Práticas da memória feminina*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. (Coleção História do Povo Brasileiro). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, p. 97-117, 2000.

TORRES, Aline; MONTEIRO, Beatriz; OLIVEIRA, Carolina de; FONTES, Leonardo Augusto; MOURELLE, Rodrigo; LIMA, Sergio. A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e o governo de Getúlio Vargas na década de 1930: estratégias e paradoxos do movimento feminista no Brasil. **Anais digitais do Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul**, 2009. Disponível em: <http://www.coloquioconesul.ufsc.br/rodrigo_cavaliere.pdf>. Acessado em 23 de ago. de 2020.